

ESTANDARTE

CAPA: LUIS DIAZ

Editoração eletrônica: Tera Dorea

Mattos, Sérgio, 1948

Estandarte: Sérgio Mattos – São Paulo: GRD, 1996
(2ª edição)

Apresentação de Ivan Dorea Soares

1.Poesia Brasileira I. Título

CDD-869.915

928.6991

Reservados os direitos de tradução. Copyright by Sérgio Augusto Soares Mattos. Direitos desta edição reservados por Gumercindo Rocha Dorea F. ind., rua 13 de Maio, 363, CEP 01327-020, São Paulo, SP.

SÉRGIO MATTOS

ESTANDARTE

2ª edição

Edições GRD
São Paulo
1996

SUMÁRIO

A história de um porta-estandarte Ivan Dora Soares	xii
---	-----

Primeira parte

Amor (1967)	7
O vento soluçou (1968)	8
Metáfora 6 (1968)	9
Imagem pura (1969)	10
A ilusão pertenceu-me (1969)	11
Definição (1993)	12
Pretensão (1969)	13
Saudade (1969)	14
O abraço (1969)	15
Sinfonia do amor (1970)	16
Chuva de verão (1970)	17
Quando sinto (1971)	18
Sonhei horizontes (1971)	19
Te amarei sem pânico (1971)	20
Registro (1972)	21
Decepção (1972)	22
Caminho da esperança (1973)	23
A musa (1974)	24
Nunca seria demais (1974)	25
Divagando I (1976)	26
Divagando II (1993)	27
Palavra animada (1977)	28
A posse (1977)	29
Situação (1977)	30
Asas para amar (1978)	31
Transição (1978)	32

Exorcismo (1878)	33
Epitáfio (1978)	34
Solidão (1979)	35
Perdão, amor (1979)	36
Domingo (1979)	37
Poeta pecador (1980)	38
Corpo nu (1985)	39
Olhar transparente (1989)	40
Paraíso (1989)	41
Meu amor (1990)	42
Beijo (1992)	43
Sentidos da distância (1992)	44
Mulher especial (1993)	45
Sentimento I (1993)	46
Sentimento II (1993)	47
Sentidos do amor (1993)	48
Conselho (1994)	49
Formas (1994)	50
Marcas (1994)	51

Segunda parte

Poema relativo (1966)	55
Psiu da Silva (1967)	56
Inibição (1968)	57
Metáfora 1 (1968)	58
Metáfora 2 (1968)	59
Metáfora 3 (1968)	60
Metáfora 4 (1968)	61
Metáfora 5 (1968)	62
Observação (1969)	63
Seca (1970)	64
Retrospectiva do mundo virgem (1973)	65
A vaga (1974)	67
Verticalidade (1974)	68
Urbanizado (1974)	69
Poluição (1974)	70
A solidão ou espírito do mal? (1977)	71
Que mundo é este? (1977)	72
Solidariedade (1977)	73
Ócio noturno (1977)	75
Tropeços (1977)	76

Estou gritando (1977)	77
Ilusão (1978)	78
Pedra dos pássaros (1978)	79
Autodestruição (1978)	80
Sufocado (1978)	81
Procura (1978)	82
Poema de três atos (1978)	83
Estandarte (1979)	84
Povo (1979)	85
Ai que saudade (1979)	86
Maturidade ou artificialidade (1980)	88
Sonho desfeito (1984)	89
Independência (1987)	90
Casuísmo (1988)	91
Geração (1988)	92
Questionamento (1989)	93
Ideologia (1991)	94

Terceira parte

Consciência adormecida (1967)	97
Sorriso em flor (1967)	98
O tempo passa (1967)	100
Formas vivas (1968)	101
Inquietação (1968)	102
Concepção (1968)	103
Episódios (1968)	104
A um poeta (1968)	105
Lacuna (1968)	106
Ressurreição (1968)	107
No mundo da lua (1969)	108
Nas teias do mundo (1969)	109
Metáfora 7 (1969)	110
Metáfora 8 (1969)	111
Recaída (1969)	112
Tudo que fui (1969)	113
Rebeldia (1969)	114
Tarde chuvosa (1969)	115
Desafio (1969)	116
Condenado (1969)	117
Espelho mágico (1969)	118
Mundo de sombras (1970)	119
Desejo ancestral (1970)	120
Círculo vicioso (1970)	121
Confissão (1970)	122
Perfeição (1971)	123
Nostalgia (1972)	124
De uma visão utópica (1973)	125
Suicídio triste (1974)	126

Outono (1974)	127
Aquarela (1974)	128
Destino (1974)	129
Meditação (1974)	130
O ciclo da rosa (1974)	131
Palavras cruzadas (1974)	132
Poeta de província (1974)	133
Previsão (1974)	134
Uma tarde no parque (1974)	135
Composição alcoólica (1974)	136
Água corrente (1974)	137
Canhões de Amaralina (1974)	138
Verso diluído (1974)	139
Incoerência (1974)	140
Pureza anônima (1974)	141
Correlação (1974)	142
O sorriso de Paula (1974)	143
Pedido (1975)	144
Navegando (1976)	145
Hipocrisia (1977)	146
Receita (1977)	147
O que sou? (1977)	149
O espelho e o vapor (1977)	150
Poética (1977)	151
O tempo (1977)	152
O despertar do futuro (1978)	153
Lição de vida (1978)	154
Quando a poeira assentar (1979)	155
Sertão (1979)	156
Sem respostas (1984)	157
Ótica (1987)	158
Lazer (1987)	159
Renovar é preciso (1987)	160
Rosas (1988)	161

Sinfonia campestre (1988)	162
Ecologia (1990)	163
Sentado no meio da floresta (1991)	164
Pancada Grande (1992)	165

Quarta parte

Natal por segundo (1967)	169
Poema reportagem (1968)	170
Burguês desamparado (1969)	171
Balões da verdade (1970)	172
Comunicação (1970)	173
Cinzas (1973)	174
Kohoutek (1973)	175
Jatopress (1974)	176
Sinal dos tempos (1974)	177
Valor (in)verso (1975)	178
Transtorno (1975)	179
Sonho encantado (1977)	180
Censura (1977)	181
Fato histórico (1978)	182
Consumo (1979)	183
Publicidade (1980)	184
Criação (1980)	185
Tevê (1981)	187
Quaresma (1987)	188
Minha arte (1988)	189
Massacre de Pequim (1989)	190
Cordão de aço (1993)	191
Comentários críticos	193

A HISTÓRIA DE UM PORTA-ESTANDARTE

Ivan Dorea Soares

O trabalho que vai desenvolvido aqui não é uma tarefa normal mas, sim, o traçar de um paralelo entre uma escalada de alpinistas em determinada montanha gigantesca e uma escavação arqueológica que descobre as mais vigorosas novidades para as Ciências da Vida.

Para o leitor que resolver abrir estas páginas, parecerá incrível o enunciado primeiro deste estudo, simplesmente pelo fato do presente compêndio não tratar nem de Alpinismo e tampouco de Arqueologia.

Ao mesmo tempo, ser-lhe-á estranho o estudo em foco falar do histórico de um porta-estandarte, o que lembra os tempos-carnavais gravados na memória de cada ser brasileiro que vive na humanidade.

Porta-estandarte...estandarte...E as recordações tão fortes dos momentos de infância quando, nas minhas andanças de calças-curtas, embevecia-me como os desfiles das sociedades carnavalescas, trazendo-me a doce saudade da beleza dos carros alegóricos e da realeza dos arautos com seus clarins, anunciando a passagem do carro-chefe... Ah, o magnífico carro-chefe e o estandarte do clube... Cruz Vermelha (o antigo Cruzeiro da Vitória), Fantoques da Euterpe e Inocentes em Progresso...

ESTANDARTE... Havia sempre o porta-estandarte glorioso, hoje apenas um rastro de saudosas lembranças onde a doce-amargura dos que conheceram os anos doirados, atormenta a todo o processo de vivência e adaptação necessária (mas também frustrante) à época moderna.

Belos tempos-carnavais, epopéias de alegrias inebriadoras, de ternura e encantamento, idades sensíveis de sonhos e carregadas de enlevos desconhecidos das parafernalias e da violência hodierna.

Os poetas cantavam os carnavais do passado, feitos ESTANDARTES de eras que não mais retornam.

Os poetas cantavam e cantam. Assim como o porta-estandarte que emoldurava as glórias dos clubes desfilantes, o poeta deste livro conduz - hoje - o seu ESTANDARTE repleto de emoções vividas, onde um carregamento de alegrias misturadas às dores reflete a busca do belo, a busca ao amor, busca incessante e incansável, até quando e como nem ele sabe.

ESTANDARTE...Libertação para "O sonho do poeta" que "não pode ser vendido / nem o amor comprado". Bandeira do poeta-alpinista que escala os mais altos picos, procurando atingir os vãos maiores da sua arte. Epopéia do poeta-arqueólogo que arde em magníficas chamas ao escavar a sua própria consciência e mostrar ao Mundo as descobertas de um ser privilegiado, de uma mente enriquecida pela poesia.

Porta-estandarte da poesia. Vivendo o poema -"O poema / é arte nata. Artesanato./ ... /A poesia / é um estandarte./ Minha arma, minha arte." - o poeta transmuda o Mundo na sua natureza esportiva de alpinista e no seu teor científico de arqueólogo, conclamando os seres da Humanidade ao reconhecimento da Vida.

Tremula a bandeira...

"Que os poetas / façam a Revolução da Canção, / que usem as flores , as palavras / e os poemas como armas / de libertação. / Que os poetas cantem / o amor, a liberdade / e usem a verdade / como estandarte / na luta contra a alienação."

Tremula altaneiro o Estandarte mas "Já não existem balões no espaço", como também desapareceram os carnavais de ontem. Ao poeta, restaram as escaladas e as escavações...

Entretanto, o poeta - em dores - diz para si mesmo, afirma para o Mundo: "Cantei o florescer de nova anistia / numa noite de trovoadas / quando, sem qualquer proteção / contra aquela água que caia,/ fina e fria, do céu noturno, / lavei minha alma ultrajada."

Porta-estandarte do Mundo, todo poeta é um porta-retrato das belezas, dos pensares, das tristezas da Humanidade, abrindo-se para as alturas dos vãos pensamentais e descendo às entranhas da natureza do ser que raciocina e transforma a razão.

Nas escaladas, nas escavações, nos tempos-carnavais, o poeta é ele. É ele mas é humano. Muito embora tenha nascido do poema, seja filho da poesia, é poeta. Mas é humano. Também. E alegre ou ferido, efusivo ou triste, vive.

Se alpinista, em verdade, fosse, seria o desbravador das montanhas, como o é da beleza. Caso a sua profissão fosse a Arqueologia, colecionaria descobertas que abalariam o Mundo, descobertas de um tempo vastamente poético. No Mundo. Na Humanidade.

Mas o poeta porta-estandarte escala nas lides jornalísticas e escava com uma voracidade sem par e sem fim o seu potencial de consciência.

Conheço-o bem de perto, há quase trinta anos, irmanados em uma amizade sólida, incrivelmente honesta, companheiros que somos desde os tempos adolescentes, amizade fortalecida nas manhãs de sábados na redação do jornal *A Semana* (de saudosa e querida memória), onde nasceu a nossa revista *Experimental...* Conheço não é o correto, conhecemo-nos fica bem melhor. Mas o poeta porta-estandarte não sou eu, mesmo tendo a certeza de que as ondas da poesia também atuam no meu ser.

Sérgio Mattos – o poeta porta-estandarte, o alpinista das escaladas poéticas, o arqueólogo que chorou diante das imagens da Praça da Paz, "onde o sonho da liberdade foi incinerado", é o homem que vê e carrega – junto com todos os outros homens – "a cruz nossa de cada dia" "que o operário, / o Cristo-diário, / carrega torturado"; é o ser humano que vive angustiado (Já não posso esconder / minha revolta contra a hipocrisia"); é o homem-gente que teima em não habitar no "Cemitério de vivos / entre porcos, na lama...", todavia, reconhece que "O homem? É o mesmo."

Sérgio Mattos é um homem-poeta que sofre ânsias de esperas ("Bate papo que não vem...") e, na espera-esperança, descobre-se meditando: "Meu pensamento/ transborda como um vaso cheio./É impetuoso como uma cascata,/ cuja força amansa o homem./Procura a plenitude do infinito / e não se envaidece como o pavão. / Ele é frágil como a água..."

Até o Infinito.

Até a vontade de não ver "o medo que o povo sente", nem de sentir mas de ver e sentir - "que todos sejam apenas povo" -. E que a Paz venha ficar. "A Paz vai chegar."

"A Paz vai chegar". Quando? Quando, "Senhores!"" "Senhores!/ Não há luz na sarjeta./ Seria o poema a chama / ou o preço da fama?" Senhores, perguntemos - cada um de nós, nós seres humanos, onde está a paz e quando é que ela deverá chegar? Chegar onde? Nas potências que lideram o mundo, nos países da segunda linhagem, nos estados do Terceiro Mundo, ou em alguma cidadezinha perdida nos sertões longínquos do Ceará (terra do poeta Sérgio Mattos)? Onde chegará a Paz? Qual jovem, bela e virgem, onde e quando chegará?...

"Senhores! / Seria o branco a pureza que procuro / entre tarjetas, nas sarjetas, nas saletas escuras / dos sebos sem rótulos, nem selo?"

E a Paz, Senhores, seria realmente o branco? Qual é a cor da consciência de cada vida humana? Qual será a cor da poesia?

Senhores, "A Paz vai chegar", verdadeiramente vai, no entanto, não será promovida por algumas nações do Mundo mas, exclusivamente, dentro do eu de cada ser, individual, pessoal, propriamente seu, para poder haver a Paz social.

Para poder haver a Paz social... "Um dia, com a poesia".

Entretanto, o poeta porta-estandarte continua a perguntar, a indagar, "onde a culpa se escondeu?" E eu pergunto a Sérgio Mattos, se existem respostas para esta pergunta, ao que ele me responde: "Sem respostas".

Realmente, "Sem respostas". "Onde a culpa se escondeu, se na imensidão do ter, na incerteza do ser, todo o sentir se perdeu?"

Às vezes, encontramos a resposta em algum "Sonho encantado", assim como Charles Chaplin nos seus belíssimos filmes, fazendo - ou melhor - mostrando que o branco da Paz bem poderia ser as Luzes da Ribalta.

Sérgio Mattos escala e escava a Vida. Como jornalista, como pai, como amigo, como ser humano, contudo – acima de tudo – essencialmente como poeta, Sérgio Mattos percebe, sabe, compreende que "Cada homem tem uma missão" e, muito mais fundo ainda, assume a sua poesia no encontro e no entender da Vida; afinal, "cada poeta busca / o princípio invisível, do existir."

"O princípio invisível do existir." Retornemos no tempo, voltemos a um passado de mais de vinte anos atrás, entremos na máquina de retroagir as épocas, no meu arquivo das nossas produções, encontro um artigo assinado por mim no ano de 1968, publicado no jornal *A Semana*, quando ambos tínhamos somente vinte anos... Lá está a Carta A Um Poeta, endereçada ao amigo Sérgio:

“Gostaria sinceramente de fazer um comentário sobre sua poesia. Será, pergunto, que se pode comentar a essência de um poeta? Podemos penetrar no alheamento natural de quem vive o poema na vida?”

Hoje, nos poemas de Sérgio Mattos, encontro uma resposta cheia de consolo: "Cada poeta busca / o princípio invisível do existir."

E, ainda, naquela Carta A Um Poeta, eu dizia:

“Falemos agora somente de Você poeta, você amigo que foi surgindo como surgem as coisas boas, você que me fala de poesia, de estudo, você companheiro...”

Companheiros, amigos. Companheirismo, a ausência mais sentida nas lides do Mundo atual. Será, talvez, "por que a honestidade ainda é tímida"? Ou será por que "Nos homens, / a flor consciência/ está despetalada..."? O fato é que a Humanidade vai destruindo a sua essência, os seus fundamentos de fraternidade, de compreensão, de companheirismos entre os homens. Esse companheirismo vivido nas tarde das Missas Dominicais do Mosteiro de São Bento, levou-nos a criar a revista *Experimental*, também no mesmo ano de 1968, quando Sérgio Mattos já despontava como um poeta de versos curtos e fortes, enfocando uma temática de estilo quase moderno, quase neo-moderno, mas deixando transparecer todo um romantismo de sua formação brasileira, nordestina, bahiano-cearense: "Vivo numa época em que/ a morte é divertimento/ e a lua, no passado tão pura,/ virou a vedete do sentimento".

Combinam, entre si, a morte e a vida? O homem não se contenta em destruir a Terra, sua Terra, e parte para conquistar a Galáxia, em busca de outros mundos...e desconhece tanto o seu, tanto e tão profundamente o seu Mundo - desconhece-o verdadeiramente - e devora as suas entranhas aniquilando as potencialidades da sua própria sobrevivência! Afinal, para que serve o homem? O rastro de lágrimas, sangue, destruições, amarguras, desastres, talvez supere o lastro de compreensão, paz amizade, carinho, Amor... Talvez, ou muito provavelmente, supere mesmo.

Este é o homem.

E o homem vive "...na contradição / de um tempo devotado ao consumo,/ onde a televisão é o novo deus das massas,/ ... / onde a propaganda / violenta a dignidade humana,/ impondo normas e costumes padronizados."

O homem, é este, e no seu Mundo desconexo "-Até o Amor foi estereotipado / e esta ditadura de símbolos fálicos / permanece impune.-"

Que animal é este? Vencendo os espaços siderais, destrói a camada de ozônio, construindo a patrafernália informática e atômica, desconhece a cura de doenças surgidas de sua própria inconsequência, crescendo cientificamente, perde-se na estupidez da fome, da delinqüência infanto-juvenil, do abandono da velhice...

O homem...alcança os ápices da glória, lado a lado com uma pequenina criancinha pedindo um resto de comida!

Meu Deus! O homem não é um ser humano, o homem é um "ser inviolável", como afirma a minha esposa Nádja e, na sua inviolabilidade, ele contradiz a conquista do Universo com a brutalidade das guerras sem sentido, com a mediocridade inumana do morrer sem qualquer assistência médica!

E, aqui no Brasil, "o brasileiro, na fase da puberdade,/ já não sabe nada / da identidade nacional."

Nada. E o poeta porta-estandarte, absorto em seus sismares, recorda que tentou "falar de paz e amor,/ liberdade e felicidade", descobre que procurou "na contradição, sentir o valor do não e a força do sim" e, por fim, compreende que, "um dia", sonhou "com a simplicidade do poema".

Sonhos... Alimento da vida, não só os poeta, mas,, sim – e obrigatoriamente – de todo ser humano! Em qualquer dia do meu tempo, li em algum, a frase - Sonhos, acredite neles! - e jamais a esqueci, nimbando o mais recôndito do meu ser, com a ternura dos ideais que não são idéias soltas mas conjuntura e estrutura de cada passo caminhado, de cada olhar sentido, de cada mão apertada, da Vida, do ser ser humano.

Sonhar com renovação. Assim como "as plantas ensinam" que o homem não deve se emaranhar "Nas Teias do Mundo".(As plantas convivem, pacificamente, com as aranhas, com as cobras, com as diversas formas de Vida... E com o homem?..)

Ah, o homem é um grande, imenso, gigantesco complexo de dúvidas, de absurdos, de descobertas, de encontros e desencontros. O homem é um abismo indevassável. Mas o homem-poeta compreende que "O poema deve ser como uma oração". Sérgio Mattos assimila o seu potencial de dor: "Vivo numa terra-mundo violada,/ poluída e estraçalhada./ O verde findo chora orvalho/ neste tempo de palhaçada." Mesmo que a rosa continue sendo "a flor de todas as cores/ a flor de todas as flores", o Mundo - o Mundo dos homens - vai sendo destruído e arrasado pelo homem-não-poeta. O homem-não-poeta, fomentador da Guerra, despetala a flor, deixa a jangada sem remador, desampara a criança...Resta, ao poeta porta-estandarte, indagar: "A Guerra? É a dor...". Indagar e afirmar...

E por que o homem não aprende a viver uma "Sinfonia Campestre"? Por que o homem da cidade grande não desperta para os valores do "Sertão"?

O poeta Sérgio Mattos diz perplexo: " Já não posso ser gente"! Ser gente! A cidade grande poda a vida (a Vida), castra a sensibilidade, destrói a ternura... Então, é necessário "que todos aprendam a defender/ a solidariedade humana"...

Ser solidário... Uma palavra meiga, um olhar ameno, um gesto de colocar a mão no ombro do outro, um silêncio repleto de afeto e compreensão quando as lágrimas rolam pelo rosto de alguém... Ser solidário...é tão difícil, assim? Ter o "Olhar transparente", ser "Amor" "Sem definição", um Amor simplesmente Amor, fazer do Mundo, da Vida, uma "Aquarela", onde todo choro seja um "orvalhado pranto de carinho...", onde todo beijo tenha "um sabor de vida/ e cheiro de madrugada" e seja "muito mais que uma simples poesia."

Ser solidário é Viver, é ser gente! E custa tão pouco, não custa dinheiro algum, não empobrece ninguém. E o homem é tão pouco solidário...

Conheço Sérgio Mattos, bem de perto. Conheço o poeta Sérgio Mattos, o pai-de-família Sérgio Mattos, o jornalista Sérgio Mattos, dentro de uma ordem onde nenhum supera algum; normalmente sereno, é incisivo nas suas vontades de ajudar, pedra-por-pedra, na construção de um Mundo mais "Mais Mundo, de um homem mais gente.

Ativo, dono de uma carga de responsabilidade que se mede pelas vitórias (vitórias incontestadas, todas pela sua capacidade e, não, pela corrupção tão reinante nos tempos modernos), Sérgio Mattos vai penetrando na idade maior do homem que é poeta, que nunca deixou de ser poeta, do homem que enfrentou "A Batalha do Natal" apenas com as armas da poesia, do poeta que percebeu na "Retina" dos olhos da mulher namorada, a realização dos seus sonhos de Amor.

Poeta, Sérgio Mattos é "O Vigia do Tempo" e na necessidade de ver os seus poemas "Lançados ao Mar" - para colaborar na despoluição dos oceanos, para ajudar a despoluir a Vida - ele estanca em algum lugar da Terra (talvez a velha Salvador, ou - quem sabe? - a trepidante Austin, ou em belos recantos do seu Ceará), e na Terra, diante dos homens, diz: "Já não canto, choro".

Resta o *Estandarte*. Resta o *Estandarte* que não é mais *Experimental*. Resta a Vida. Existe a Vida.

A vida de um Poeta, que não é alpinista na prática, tampouco arqueólogo, mas escala a Poesia e escava a Vida em busca de um Mundo mais harmonioso, um Mundo mais Vida, uma gente mais humana, um homem mais gente.

Não para nascer, crescer e morrer. Mas, apenas e tão somente - para VIVER. Viver a Vida de hoje e sentir a saudade de ontem. Lembrar com emoção da "Pedra dos pássaros": "Já não vejo gaivotas/ nas pedras do Rio Vermelho./ Meus olhos já não descansam/ com aquele vôo sereno/ e como mergulho indicador/ de boa pescaria. Emigraram, // Os jornais anunciam / a morte de gaivotas/ em Arembepe e na Bretanha./ Ora o titânio, ora o petróleo/ lançado nas águas do mar.// De que vale o progresso/ se já não posso/ contemplar as gaivotas/ na Pedra dos Pássaros/ de minha infância?"

Aprendendo os ensinamentos de Rilke, este é o poeta Sérgio Mattos, com as virtudes, com os seus defeitos, com a sua poesia.

Assim como o porta-estandarte, vivendo sempre a poesia, construindo o seu poema.

Sendo, eternamente, na Vida, poeta.

ESTANDARTE

O POETA

Quantos somos, não sei... somos um, talvez dois; três
talvez quatro; cinco, tal vez nada
Tal vez a multiplicação de cinco em cinco mil e cujos
restos encheriam doze terras
Quantos, não sei... Somos a constelação perdida que
caminha largando estrelas
Somos a estrela perdida que caminha desfeita em luz.

Vinicius de Moraes

*Dedico este livro ao poeta e amigo
Ivan Dorea Soares, companheiro
de muitas batalhas e que teve a paciência
de selecionar, separar e classificar por temas estes poemas
que representam 30 anos de criação.*

Primeira parte

“O mundo é grande e cabe
nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
no breve espaço de beijar.”

Carlos Drummond de Andrade

AMOR

Eu sinto
Tu sentes
Ele sente
Aqueles que não sentem,
um dia sentirão.
Enfim, amor não se define,
se sente.

(1967)

O VENTO SOLUÇOU

Embriagado
teu braço
ao mar tocava

Em princípio melancólico
encrespavas as ondas do mar
enquanto secas folhas dançavam

Sumiram os pássaros
e o sol, também
– a cidade emudeceu –

Comovido,
o ventou começou a soluçar...
(1968)

METÁFORA 6

Em montes distintos
uma vontade lubrificante
nasceu...

O espírito vibrou
O corpo executou

E no ventre-corpo,
a vida em carícias flutuou...

(1968)

IMAGEM PURA

Num mundo indiferente e sem formas,
uma obsessão inacabada,
emergindo de uma pálida significação,
se alinhava em meu espírito
em busca d'uma imagem pura:

Duas mãos aquecidas
Duas bocas unidas.

(1969)

A ILUSÃO PERTENCEU-ME

A ilusão pertenceu-me em sonhos
e com vontade de herói entrelacei-me
entre as armas de tão bela batalha...
E a incandescente espada perdeu-se
entre espasmos, enquanto
a ilusão flutuava no espaço
e eu agitava o lençol manchado...

(1969)

DEFINIÇÃO

O amor deve ser vivido
enquanto existe para ser sentido.
todo amor nasce de uma paixão.
Chega com força, incendeia,
explodindo o coração.

Se a paixão frutifica,
ele permanece
sob a forma de amizade
e companheirismo.
Se não floresce, desaparece.
Some, no dia-a-dia, no mesmismo...

O amor pode até ser inventado,
mas tem que ser sentido,
olhado, olfatado, ouvido,
aspirado e tateado.
Caso contrário, não poderá ser desencadeado
e tudo não passará de tempo perdido.

(1993)

PRETENSÃO

Quando meu sangue-fruto
penetrar em tuas entranhas
vencidas, te banharei
num orvalhado pranto de carinho...
(1969)

SAUDADE

No rosto os restos, às régias
as pétalas, a vela e o fogo...
Assinalado no peito entristeci
no tempo e no leito espero
prosternado, sonolento, tua volta...
(1969)

O ABRAÇO

Na escada fria,
minha mão procurou
a tua.
Meu sangue correu
e eu lancei meu corpo
contra o teu...
(1969)

SINFONIA DO AMOR

Há pássaros noturnos que cantam
no alto das casas
Há nuvens brancas na noite
no alto dos céus
Há braços e pernas que dançam
sob uma luz de sombras
e um murmúrio de lágrimas:
– a dança do amor é densa.
(1970)

CHUVA DE VERÃO

Raio
quente.
Chuva
fria.
trovão
no coração
da amada.
O
raio
regou
regaço
da
amada.
O raio
partiu
pariu
pereceu
de saudades
numa noite
de trovoadas

(1970)

QUANDO SINTO

Quando sinto o desencanto, procuro tuas mãos
que trazem o conforto e me fazem palpitar.
Permaneço disperso, sentindo teu perfume
e tua presença, suspensa nas nuvens
da imaginação.

Do papel onde escrevo, tuas curvas tomam formas
e, como sombras, teu corpo nu, eu vejo.
Um sorriso vago enche-me o rosto
e na tentativa de acariciar-te, ouço longe,
muito longe, passos, vozes e o bater da
da máquina de escrever.

Teu corpo nu desaparece, enquanto o tempo volta a agir
e minhas mãos a trabalhar.
Um leve tremor invade-me a alma
e uma complacente esperança
consola-me, porque tenho certeza
de ao chegar em casa, sobre a cama,
encontrar teu corpo quente,

(1971)

SONHEI HORIZONTES

Sonhei horizontes
vivi, entre vírgulas, um hiato.
Andei exclamando paixões
e interrogado amores
(dois pontos)

De repente,
quebrei lanças de solidão
na solidez de teu coração...
(1971)

TE AMAREI SEM PÂNICO

Convém amar
enquanto vivo
frágil mortal
sem forças para pensar.

Amarei sem fúria,
como quem não tem
pressa e sussurrado,
como quem pede perdão.
Te amarei sem pânico,
tranquilamente....

(1971)

REGISTRO

Criamos um momento
de calma e esperança,
quando, sem enganos,
nos olhamos e ganhamos tempo.
Senti a ternura de tua mão
e o destino nosso encontro marcou,
abrindo, docemente, uma página da vida
onde nossas mãos se cruzam
e o amor floresce.

(1972)

DECEPÇÃO

Logrei o êxito de uma paixão
carregando nos ombros, em prantos,
o peso exato da decepção
por não me ter afogado nos teus encantos.
(1972)

CAMINHO DA ESPERANÇA

No simétrico caminho da esperança
meu barco rodeia o espaço
e quando a luz escassa
atrai um tempo frio,
meu sonho se acende,
alheio à própria vida,
e me impele, sem artifícios,
para teus braços.
Minha dor se dilui
e, enquanto teus dedos deslizam
em meus cabelos,
renasce mais uma estrela infinita.

(1973)

A MUSA

E eis que, pela vidraça,
sem nenhum disfarce,
eu a vi cheia de graça.
(1974)

NUNCA SERIA DEMAIS

Gostaria um dia
de fazer o tempo parar
e colocar tudo no lugar:
ninguém sofreria jamais
e o amor nunca seria demais.

Se este dia chegar,
todos vão se abraçar,
todos vão se amar,
todos vão ouvir o lamento do mar.
(1976)

DIVAGANDO I

Por não ter uma árvore
onde gravar teu nome,
com fumaça
o escrevi no espaço.

E com graciosidade
ele percorreu os cantos da Cidade,
como num conto de fadas:
Cheio de Liberdade.

(Zurich, 1976)

DIVAGANDO II

Se pilotasse um caça,
da esquadrilha da fumaça:
Daria voltas no céu,
escrevendo ao léu,
no espaço, com traços
isolados, bem delineados,
sempre destacando teu nome
entre as mais belas nuvens que existissem.
(1993)

PALAVRA ANI MADA

Um dia animarei
meus sonhos com um sopro
criador.
Um dia moldarei
a palavras e os poemas
só vão tratar de amor.
(1977)

A POSSE

Senti, em meu peito,
o rufar de um tambor:
Prefiro a paixão que cega
à hipocrisia desfeita.
Prefiro teu calor,
a cantar feitos
(entre amigos)
Enquanto a alma nega
as resistências quebradas
e os momentos sofridos.
– Sou teu amor,
mesmo cheio de defeitos.

(1977)

SITUAÇÃO

Dívida
dividia
vida (duas sílabas)
suas pessoas unidas
Duas vidas: separação
Ócio
Divórcio.

(1977)

ASAS PARA AMAR

Um dia colocarei asas
em teu vestido branco
e como anjo poderás
flutuar no espaço e
bordejar, como colibri, sugando
das bocas que queiras
o néctar que necessitas
para alimentar teu amor.

(1978)

TRANSIÇÃO

A cada passo dado, a cada minuto passado,
mais próximo estou do encontro
marcado entre o real e o sonhado.

O que a ser o real senão
o dia-adia, a vaidade
do querer ser, a alegria de momentos,
o sentir e o apalpar?

O que seria o sonhado senão
o desejo de perpetuar-se,
do encontro com a felicidade
e de poder, sem restrições, amar?

(1978)

EXORCISMO

Exorcizei de meu íntimo
todo amor acumulado
numa sensação espasmódica,
oscilando as vértebras
num bailado de alcova
capaz de remover montanhas.
Semei as profundezas
orgânicas e perpetuei,
em segundos de felicidade, a espécie.

(1978)

EPITÁFIO

Da umidade
da terra fértil
tentarei ouvir
o som da trombeta
e o apogeu da humanidade.
Tentarei fertilizar
o solo onde rosas
haverão de florescer
para serem dadas
aos casais de namorados
que tentam redescobrir o amor.

(1978)

SOLIDÃO

Na melancolia da madrugada
sinto toda a poesia de tuas mãos
e a promessa de teu olhar
de mulher amada.

Sob a chuva fria
andamos descalços e de mãos dadas
na areia fina
porque em nossos corações
lugar não há para a solidão.

(1979)

PERDÃO, AMOR

Amor,
eu sinto pela rosa que não lhe dei
pelo sorriso que soneguei.
Peço perdão por não mais saber chorar
pelos momentos em que não soube sorrir
por minhas fraquezas e
por não saber amar como devia.

(1979)

DOMINGO

Hoje é uma triste tarde de domingo.
Já não vejo moça bonita
na praça ou no banco da Igreja.
As janelas estão fechadas,
as pessoas isoladas
e a rua deserta.
Os bancos da praça
estão vazios.
Já não vejo jovens trocando beijos
e passeando de mãos dadas à luz do sol.
O amor é mais quente sob a fria luz
da lua do Jardim dos Namorados,
onde i quebrar das ondas do mar
marca o compasso dos corpos
no parco espaço
dos carros, na procura do aprender a amar.
(1979)

POETA PECADOR

Na fantasia
de um sonho
pensei que o pecado
já não existia.

Sonhei ser um pecador:
eu sou o pecado
eu fui o pecado
eu era um pecador.

Se o sonho é fantasia
se o pecado não há,
que diabo, finalmente, eu sou, Maria?

– Poeta, tu és livre:
O pecado já não mais existe.
(Respondeu Maria,
o meu sonho, a minha fantasia).
(1980)

CORPO NU

Contra meu copo nu
senti a maciez de tua tez,
a doçura de teus beijos
e a rigidez de teus seios.

Contra meu corpo nu
senti o calor de tua respiração
o crisper de tuas mãos
e na cadência de teu coração
prostrei toda a minha força.

Rendi homenagens à tua beleza
com toda a minha pureza.
Beije as pétalas e aspirei
o perfume de tua flor.
Senti o mel e sorvi o néctar
de tuas entranhas
com toda a força de meu amor.

(1985)

OLHAR TRANSPARENTE

Seus olhos, como estrelas,
brilharam, demonstrando
toda a segurança
de quem vê a transparência
da vida, sua nudez e inocência.

Aquele olhar puro
que a tudo matiza,
aquele olhar-sorriso
foi o olhar de Heloisa
que neste poema se cristaliza.

(1989)

PARAÍSO

Paraíso é substantivo masculino.
Se houvesse contrapartida, com certeza,
o feminino seria você: Heloisa,
o meu paraíso.

(1989)

MEU AMOR

Meu amor não segue normas
da gramática
Não tem regras nem exceções
Tudo dá certo, meu bem,
como na matemática

Eu gosto do teu balançar
e de teu cheiro
Teu aroma me encanta
Sinto tua presença
palpitar em meu peito
Teu encanto me seduz

O meu amor
não é medido
É sentido
intensamente,
livremente...
– Quero te amar
em qualquer lugar

(1990)

BELJO

Teu beijo
tem sabor de vida
e cheiro de madrugada.
Teu beijo é terno,
me aquece.
Teu beijo é inspiração,
me enlouquece.
Teu beijo é descoberta
e criação.
Teu beijo merece
muito mais que uma simples poesia.

(1992)

SENTIDOS DA DISTÂNCIA

A distância aumenta
minha ânsia,
meu desejo de sentir
teu cheiro doce,
de ouvir teu riso contido.

A distância aumenta a lembrança
do conforto de teu abraço,
do calor pulsante de teu corpo.

A distância aumenta a vontade
de ver o brilho de teu olhar,
de sentir o gosto de teus lábios
e a expectativa de te amar.

(1992)

MULHER ESPECIAL

Uma mulher
pode ter mil disfarces.
Procuro, no fundo
de teu olhar, o mais profundo,
e não encontro uma mulher qualquer.

Encontro a menina dengosa,
a mulher sensual,
consciente de sua própria liberdade.
- Uma mulher especial!

A imperfeição, sim, pode estar
na ótica do meu olhar,
que não busca a matéria,
mas a essência do teu sentir...

Quando sinto
o desejo no teu olhar
e o calor em tuas mãos chegar,
meu coração pulsa fora do lugar.

Na ânsia de acalmá-lo,
entrego-me no embalo
de teus abraços
e perco-me na ardência de teus beijos...

(1993)

SENTIMENTO I

Não sei como dizer o que sinto,
mas o bater descompassado de meu peito
não desmente o que digo. Não minto:
você não sai de minha mente.
Não desminto,
amor, é a afeição crescente,
delicada como uma flor,
pois junto a você sinto florescer
um amor transcendente,
tão forte, que me faz renascer.

(1993)

SENTIMENTO II

O sentimento é engraçado.
Ele sempre prega peças na gente.
O amor é um composto:
ele é possessivo e ciumento
e ao mesmo tempo é um ato de renúncia,
desprendimento...

O amor é engraçado.
Não pode ser medido,
não pode ser pegado.
pode até ser magoado,
mas quando existe é puro,
sincero e pode ser doado.

O amor pode ser possuído e sentido
pela matéria e pelo espírito.
O que só a matéria sente,
não existe, desaparece, é sexo.
O que o corpo sente
e o espírito resente, é amor,
que transpira, inspira
e muitas vezes até sente dor.

(1993)

SENTIDOS DO AMOR

O amor deve ser vivido
enquanto existe para ser sentido.
Todo amor nasce de uma paixão.
Chega com força, incendeia
e explode o coração.

Se a paixão frutifica,
ele permanece
sob a forma de amizade
e companheirismo.
Se não frutifica, desaparece,
some, no dia-a-dia, no mesmismo...

O amor pode até ser reinventado,
mas tem que ser sentido,
olhado, olfatado, ouvido,
aspirado e tateado.
Caso contrário, não poderá ser desencadeado
e tudo não passará de tempo perdido.

(1993)

CONSELHO

A menor distância
entre o amado e a amante
é percorrer, sem resistência,
a linha do coração.

(1994)

FORMAS

Que formas tem o amor?
O amor é multiforme.
Sua representação
gráfica apresenta complexidade
mas pode ser vivido
com Naturalidade.

Que formas tem o amor?
A depender do ângulo,
até mesmo a forma de um triângulo
pode ter o amor.
Cada ângulo ou paixão
pode ser agudo ou obtuso.

Mas, como explicar
que de repente a musa
é a própria hipotenusa?

(1994)

MARCAS

O amor deixa marcas
na alma, no corpo
e nas lembranças.

As marcas deixadas
são nossas vivências,
ansiedades e experiências,
nem sempre reveladas.

Não sei
pode onde andam as mulheres
que um dia tanto amei.

Não sei se marcas lhes deixei.
– Espero que boas cicatrizes
porque, como ator e atrizes,
teremos que um dia senti-las.

(1994)

Segunda parte

Porque vivemos
num muno sem custódias
e o poeta é o vigia o tempo.

Sérgio Mattos

POEMA RELATIVO

Tateando no escuro
o sentimento humano
destruído ou quando muito,
nascido.

Verdade escondida
desespero do sentir,
esperando ver
a mudança que não vem

Tudo são lágrimas,
a espera é marcada
o chão é o mesmo,
os homens também
e a espera(nça) é longa.

(1966)

PSIU DA SILVA

Pobres farrapos
que à noite tremem
Pobres de vós
Porque o vento é frio
e a chuva cai.
Teu nome? Não sei
Talvez Chico, talvez Xavier,
Psiu da Silva
ou um João ninguém qualquer.

(1967)

INIBIÇÃO

Sem lutas,
um desabafo surgiu
sem estandarte:
Estaria o alimento
imutável dos heróis
impregnado de sonhos
tormentosos?

(1968)

METÁFORA 1

Árvores que crescem
são forças revolucionárias

Alocações de protestos?
– inconformismo... –
é o princípio da dinâmica.

Massa (encefálica) em movimento...
Reação de causa e efeito
Árvores que crescem
dão frutos secretos:
– elásticos e explosivos –

(1968)

METÁFORA 2

Cemitério de vivos
entre porcos, na lama...
O homem? É o mesmo.
Fantasmas viventes
Caveiras ambulantes
de ossos cobertos
na morta(PELE)lha da vida.

Tímidos e agressivos,
na massa de concreto,
começam a pensar...
(1968)

METÁFORA 3

Discípulo que anda
continuidade pendular
é o futuro - no presente -
que discorda
que acorda.

Ferida monetária
união de sexos
com demagogia partidária

Bate papo que não vem...
A intervenção:
é uma realidade transformada.

(1968)

METÁFORA 4

Desponta a estrela...
Nasceu alguém
– os são gordos
e o espírito é podre.

Queimada apareceu a luz...
Ninguém nasceu
– frutos secos
sofrimentos cheio –

(1969)

METÁFORA 5

Sonhos pseudos,
afirmação autômata,
delírio no pensar-ser
dos degraus da política:

Alguns em linha...
no nacionalismo fogem.

Outros,
na política pelejam,
auto-determinando
a busca em afirmação...
(1968)

OBSERVAÇÃO

a Germano Machado

Triste, meu peito desfeito,
respira permanente e brando,
sem alarido, fica contemplando...

Triste, meu peito desfeito,
sem prantos e vaidades, manifesta,
no mundo atento,
uma segurança funesta:
Sem partido, intrigas e consonâncias...
(1969)

SECA

Cavalguei pesadelos em nuvens brancas
e cantei como cigarra no verão.
Andei rios em terra de céu azul,
onde vida-e-morte é sol.

(1970)

RETROSPECTIVA DO MUNDO VIRGEM

a Burle Marx

Vivo numa terra-mundo violada,
poluída e estraçalhada.
O verde findo chora orvalho
neste tempo de palhaçada.

O mundo das flores
foi despetalado
no tempo de espinhos.
– O verde findo chora orvalho
neste tempo de palhaçada –.

A infância pura,
cheia de figuras e liberdade
invade-me a lembrança:

O ar despoluído e céu brilhante
daquela época foram despojados
deste tempo.
Vivo numa terra-mundo violada,
poluída e estraçalhada.
– O verde findo chora orvalho
neste tempo de palhaçada –.

(1973)

A VAGA

Na vida imprevista
encontrei versos e sorrisos,
dúvidas, dívidas
e a promessa d'uma vaga no Paraíso.
Não encontro, é fato,
uma vaga adequada
para o carro comprado
a perder de vista.

(1974)

VERTICALIDADE

No crescimento vertical
de uma cidade
sepulta-se a humildade
do homem universal.

Chorei pingos de inspiração
pela falta de humanidade
desta vida teatral.

(1974)

URBANIZADO

O poeta urbano
já não canta, chora.
Chora o sino, o apito,
o grito e o hino,
a quermesse, a prece,
a pressa e o stress.

(1974)

POLUIÇÃO

Pleno de medo e encanto
cheirei um lírio partido,
jogado, perdido no canto
daquele jardim, de espinhos
e rosas, à beira do caminho.
Palpitando seu perfume aspirei
e o olfato do poeta,
já poluído, nada sentiu...

(1974)

A SOLIDÃO OU O ESPÍRITO DO MAL?

No misticismo,
o espírito do bem ou do mal
assume o corpo do homem.
Nas grandes Cidades,
a solidão, como espírito do mal,
predomina em todas as idades.

E a solidão tem gerado
o ódio, a inveja, a corrupção
e também a hipertensão.

(1977)

QUE MUNDO É ESTE?

O medo está presente nas esquinas,
atrás das barbas por fazer
e das maquilagens berrantes.
Que medo é este, poeta?

Co,mo será este bicho papão, para que possamos
armar uma barricada, juntar as mãos
e enfrentá-lo, confiando na coragem do vizinho?

Que medo é este que aterroriza o homem,
a inteligência e esmaga o que de mais
sublime existe que é a liberdade?

Será que os homens se perderam entre os monstros
criados pela própria imaginação?
Até quando suportarão os grilhões
que sufocam a criação
e nos obrigam a negar o que acreditamos
e a fazer o que não queremos?

(1977)

SOLIDARIEDADE

O que será do homem
numa comunidade
depressiva e sem solidariedade?

Que cidade é esta,
tão,cheia de egoísmo,
onde os poetas choram } a falta de amizade
e cantam a nostalgia?

Que julgamentos teremos
por transformar a solidariedade
em ato de heroísmo?

Que será do homem
que vive a falsidade
na busca da verdade
e se perde na solidã?

Que será do poeta
ao registrar tal época:
Um louco? Sonhador
ou Pregador de nova Era?

Já não encontro respostas
e tenho dúvidas do caminho a trilhar.
Já não posso apenas pensar.
Empunharei uma bandeira,
farei seguidores e, como na Montanha,
multiplicarei o amor
e a todos ensinarei
a juntar as mãos.

(1977)

ÓCIO NOTURNO

Entreguei a mente ao ócio:
ouvi o ressonar da cidade
pressenti a dignidade humana
e encontrei, violentada, a integridade.

– Um dia doarei ao inimigo
a rubra vida que serpenteia
em meu corpo.

(1977)

TROPEÇOS

Meus versos tropeçam
no desamor e na privação,
no lamento e subserviência,
nas mordomias e na limitação
de um tempo sem coexistência.

Meus versos tropeçam
na covardia, na emoção
e na decepção de não transformar
cada poema numa luta de libertação
onde cada versos pudesse celebrar
o amor em expansão.

(1977)

ESTOU GRITANDO

Já não me consola
fechar os olhos e sentir
o remorso do grito
contido no peito
Agora eu GRIiiiiiiitooooo...

- Quero ver a oena correndo livre
- Quero Paz e Liberdade de expressão
- Quero com as injustiças acabar
e de amor a terra inundar.

(1977)

ILUSÃO

Um dia, com a poesia,
pensei poder aliviar
o ar saturado de injustiças
que todos estavam a respirar.

(1978)

PEDRA DOS PÁSSAROS

Já não vejo gaivotas
nas pedras do rio Vermelho.
Meus olhos já não descansam
com aquele vôo sereno
e com o mergulho indicador
de boa pescaria. Emigraram.

Os jornais anunciam
a morte de gaivotas
em Arembepé e na Bretanha.
Ora o titânio, ora o petróleo
lançado nas águas do mar.

De que vale o progresso
se já não posso
contemplar as gaivotas
na Pedra dos Pássaros
de minha infância?

(1978)

AUTODESTRUÇÃO

Dejetos industriais
lançados nas águas,
dizimam flora e fauna.
Dejetos industriais
lançados no ar
profanam a atmosfera...
Que mundo é este, meu Deus,
onde se procura justificar a autodestruição
em nome de um progresso tão enganador?

(1978)

SUFOCADO

No descompasso da vida
as aparências me sufocam.
Corrupção e arbitrariedade
violentam minha dignidade.
A integridade já não
serve de aval e “palavra de honra”
é recebida com desconfiança.
Tenho vergonha da poluição moral do mundo
que meus filhos terão de enfrentar.

Quando meu dia chegar,
partirei com a esperança
de que possam evitar
o sufocamento dos poetas de amanhã.

(1978)

PROCURA

No disfarce da vida
tenta o homem reencontra-se.
E , na multidão, esconde
sua própria solidão.

(1978)

POEMA DE TRÊS ATOS

I

Numa épocas de modelos
recuso-me a aceitar como regra
uma exceção qualquer.

II

Não temo as crises, mas aos donos da verdade.
Os profetas não assustam,
mas os deuses-industrializados ameaçam.

III

As clausuras perderam o significado.
Watergate foi revelado
e os bailes de fantasias caíram de moda:
Por que todos não tiram as máscaras?

(1978)

ESTANDARTE

Que os poetas
façam a Revolução da Canção,
que usem as flores, as palavras
e os poemas como armas
da libertação.

Que os poetas cantem
o amor, liberdade
e usem a verdade
como estandarte
na luta contra a alienação.

(1979)

POVO

Não quero sentir a solidão
e a distância de meu povo.
Não quero sentir medo nem ver
o medo que o povo sente.
Quero sentir o povo unido.
Quero vê-lo de mãos dadas,
construindo um mundo sem fome,
sem guerras e cheio de rosas.
Quero ver o povo sendo povo.

Que aqueles que vivem da ilusão,
ouvindo o seu próprio eco,
desçam dos tronos porque a alegria
dos reis, imperadores e ditadores
só existe na fantasia.
– Que todos sejam apenas povo

(1979)

AI QUE SAUDADE

Ai que saudade
do tempo do candeeiro,
do namoro da praça da matriz
das brincadeiras de criança
e das morenas da vizinhança.

Poetas e seresteiros
já não cantam a madrugada
sendo a lua testemunha
e o violão um companheiro.

Ai que saudade
do amor sem dinheiro
do cheiro forte de terra molhada
da paquera da rua Chile
do “café society” e da cerveja bem gelada.

Já não sei o que será da vida
deste outro mundo, tão imundo.
Já não sei o que será do homem.
esta outra máquina de cidade
na redoma da radioatividade.

O que será desta sociedade
criada para a consumação
escrava da ambição
e que não sabe mais amar
ouvindo o quebrar das ondas do mar.

(1979)

MATURIDADE OU ARTIFICIALIDADE?

Já não consigo ver o mundo
com os mesmos olhos de antes,
como uma criança,
sem maldade, com naturalidade.

Já preciso do apoio das lentes.
talvez sejam elas responsáveis
pelas imagens distorcidas,
cheias de artificialidade,
do mundo que hoje percebo.

(1980)

SONHO DESFEITO

No fundo do peito
vivi o idealismo técnico
de um sonho realizar.
Refletidos no sonho desfeito
estavam a confiança no ofício
e a vontade de trabalhar.
Apesar da alucinante traição,
o ideal de agora
é o mesmo de outrora:
Em meu coração
lugar não há para omissão,
submissão e corrupção.

(1984)

INDEPENDÊNCIA

O sonho do poeta
não pode ser vendido
nem o amor, comprado.
O meu sonho e o meu amor
sobrevivem nesta sociedade artificial,
regida pela economia de mercado,
cheia de inflação e corrupção,
porque não precisam de autorização oficial.

(1987)

CASUÍSMO

A impunidade deste tempo
nos deixará sem boas lembranças.
Registro esta época de cobranças
onde tudo acaba num ísmo:
Comunismo, dedurismo, entreguismo,
fascismo, sectarismo, socialismo.

(1988)

GERAÇÃO

Nasci nordestino
Nasci em tempo de reconstrução
Cresci sob a influência do destino
e da cultura americana.
Vivo no país da inflação,
como parte de uma geração
que ainda não votou para presidente.
Apesar de ser homem de cidade,
na verdade, sou um poeta sem maldade.
(1988)

QUESTIONAMENTO

Senhores!
Seria o branco a pureza que procuro
entre tarjetas, nas sarjetas,
nas saletas escuras
dos sebos sem rótulo, nem selo?

Senhores!
Não há luz na sarjeta.
Seria o poema a chama
ou o preço da fama?
(1989)

IDEOLOGIA

Em tempo de patrulhamento
político ou ideológico
sempre mantive meu pensamento
isento e lógico,
procurando o bom senso.

Afinal, não nasci máquina,
não nasci trem, com vocação para andar em linha,
nem tampouco, acreditem,
vagão, para pensar em bloco.

(1991)

Terceira parte

“Os anjos, pelo som da voz, conhecem o amor de um homem; pela articulação do som, sua sabedoria; e, pelo sentido das palavras, a sua ciência.”

Swedenborg

CONSCIÊNCIA ADORMECIDA

Nos campos,
a esperança continua a florescer
nas folhas verdes...
Nos homens,
a flor consciência
está despetalada...
porque a honestidade ainda é tímida.

(1967)

SORRISO EM FLOR

Sorriso em flor
Liberdade em jangada
Criança em amor
A paz é chegada...

Flor despetalada
Jangada sem remador
Criança desamparada
A Guerra? É a dor...

Roseira carregada
Peixe na jangada
Criança chegando
Compreensão tardando...

A hora é chegada
A Paz é criança
Guerra encerrada
Já e sem tardança.

(1967)

O TEMPO PASSA

Há pouco tempo,
naquela vila estreita
que o progresso mudou,
existiu uma criança
que nunca mais eu vi.

Criança ativa,
foi crescendo, crescendo,
cresceu.
E um dia partiu...

Veza por outra,
em sonhos eu sinto
a lembrança da criança
que, um dia, deixei de ser...
(1967)

REMINISCÊNCIA

A infância passa
A saudade fica
A infância passa
não volta...
A saudade chega,
não passa...

(1967)

FORMA VIVAS

Com vontade estéril,
estavas modulando as sombras
quando de repente...

Fecundo:
Transformaste todo
o amanhecer.

– e as formas vivas
começaram a correr.

(1968)

INQUIETAÇÃO

Já não existe
noite sem luz
– Tudo está claro

Já não existem
a rua sem movimento
e o movimento nas praias
– Queria ter paz para todos

Já não existem
lágrimas nos olhos
e paz nos corações
– Tenho lágrimas para todos

(1968)

CONCEPÇÃO

O mundo de essências
está nas mãos do poeta

Com as mãos ele articula
o destino de todos os seres...

Porque vivemos
num mundo sem custódias
e o poeta é o vigia do tempo.

(1968)

EPISÓDIOS

I

Meu olhar estava longe,
sem direção, procurava
as coisas diversas...
– Sonhava –

II

Se me fizessem calar,
as paralelas linhas da distância
me ensinariam a falar:
pois sou criança.

III

Desprezível seria
se em torrentes
de lágrimas
alegria buscasse...

(1968)

A UM POETA

aVinicius de Moraes

Cantando
fez chegar
a meus ouvidos
o sonoro }quebrar do mar.

Era um homem
Um homem
que a tudo descobriu...
– era um poeta

Com ele andei
na noite sem lua
no dia sem paz
e no mundo sem Deus

(1968)

LACUNA

Nos fragmentos do espaço
no vento esvoaçante
estão os sentimentos esfarrapados

Inundando a terra ensangüentada,
um testemunho é acorrentado
nos anseios da fertilidade.

E na névoa da madrugada,
os pensamentos revoltados
são sepultados
num orvalho de prata
pelo poeta que palpita
em busca da liberdade...

(1968)

RESSURREIÇÃO

A noite banhava-se
em água estéril

O tempo estava calado
entre os caminhos cruzados

De repente, fui pedras.
Também fui criança.
Era como uma balada
e a infância ressuscitava,,,

(1968)

NO MUNDO DA LUA

Vivo numa época em que
a morte é divertimento
e a lua, no passado tão pura,
virou a vedete do sentimento.

(1969)

NAS TEIAS DO MUNDO

A um só tempo
tornei meus vícios impotentes
e cavalguei nas ondas do espaço.
pisei os ventos para ouvir o primeiro som,
mas as teias da ilusão
tornaram-me indeciso.

(1969)

METÁFORA 7

O mundo dos brinquedos
entardeceu no tempo

Fechei a janela do dia
e encontrei todo mundo
no meio da noite...

(1969)

METÁFORA 8

Em sono sibilante no leito
as sombras duas vezes eu sopro,
enquanto aborto sentimentos
e a aurora não vem.

Duas vezes mais eu tento.
Meu ser arqueado...arde
sem sombras e oprime
a única ilusão fantasma:

a Paz vai chegar.

(1969)

RECAÍDA

Sob o real, a água e o vinho
ancorado em membros e mente
permaneço encerrado ente o
céu e o inferno.

E adormecido em lágrimas
fico ente a vida e a morte
quando a paz me faz pensar.

(1969)

TUDO QUE FUI

(dedicado aos que não existiram)

Fui desejo onde as peças nadam
sem um compasso marcar.
Fiz de um saco minha morada
e do sangue meu alimento;
da penumbra, minha companheira,
e do coração, um aliado.

Carregaram-me despido da verdade
e quando o sentido despertou:
Sem rastro, nexo ou resto – nasci.

(1969)

REBELDIA

Despetalei uma rosa
e me deitei de costas para a lua...

(1969)

TARDE CHUVOSA

a Raul Sá

Era uma tarde chuvosa
e na vidraça molhada
escrevi um poema...

(1969)

DESAFIO

Escrevo com silencioso espanto
Meus dedos possuem um sentimento comum:
Eles procuram as formas simples.

Minha ânsia e segredos repousam
em minhas mãos
– estoque de reflexos sentimentais –

Os mistérios foram sugados
e minha pena é minh'alma.
Quem poderá deter a vida
que corre em minhas mãos?

(1969)

CONDENADO

Reguei flores
Flores da vida, flores da morte

Queimei paisagens
e namorei a fumaça...

(1969)

ESPELHO MÁGICO

Fixei um espelho,
onde o passado calou.
Aspirei confidências
e perdi a inocência...

(1969)

MUNDO DE SOMBRAS

a Genival Freitas

Forjei um mundo de sombras desconexas
onde as flores eram regadas com lágrimas:
A solidão me fez companhia
e juntos afogamos todas as flores...

(1970)

DESEJO ANCESTRAL

Desejei ser um fóssil
da criação:
Chorei larvas
e comi carvão.
Foi tudo ilusão...

(1970)

CÍRCULO VICIOSO

Num círculo de palavras
me feri e num círculo,
ou circo, me refiz.
Rodei, rondei – circulei
ente ditongos e hiatos,
graves e agudos acentos.
Como sempre,
acabei sonhando no
círculo da vida...

(1979)

CONFISSÃO

Enamorei-me da imensidão.
O ritmo surdo da vida me embalou

Chorei em versos os meus pecados
e passei de um sonho ara outro.

Flutuei no espaço côm uma pluma
e fugi para o infinito.

(1970)

PERFEIÇÃO

a Guido Guerra

Senti o poema
somei os sentimentos
mas não o escrevi:
Era perfeito demais para existir...

(1971)

NOSTALGIA

Medindo o fado hipócrita
despertei minha entorpecida agonia
despojando minh'alma infinita
dos delírios de uma falsa alegria.
Uma revolta incontida desafia
no meu peito um gemido
sonoro, sem lágrimas, que desvia
meu incontido grito endurecido.
Desprezo a cândida falsidade
da ostentação enganosa de teu encanto
acomodado ao fingimento e vaidade.
Melhor correr perigo em pranto
vencer as fantasias e desonestidades
numa mesa, tomando um chope e tanto.
(1972)

DE UMA VISÃO UTÓPICA

a Jorge Amado

O sol matutino libertou-se
com seus raios fulgurantes
e matei minha sede
na floresta da sabedoria.

Bebi a seiva de suas árvores
e criei raízes
na terra impoluída.

(1973)

SUICÍDIO TRISTE

Piu, piu, piu.
Um filhote de sanhaço
tentou solitário um vôo
em direção ao sol.

Caiu num tacho de mel.
Mel, melado, melaço.
Coitado do sanhaço,
morreu
de tanto mel que bebeu.

(1974)

OUTONO

Da árvore libertou-se a folha
e prisioneira em meu bolso caiu.
Entre folhas impressas a guardei.

(1974)

AQUARELA

Um coração que aprendeu
a amar numa tarde de céu azul
não cansa de sentir
o colorido vivo do mundo.

(1974)

DESTINO

Neste mundo,
as medidas fazem os meios
para os fins serem alcançados.
Cada homem tem uma missão
e nos fins,
cada poeta busca
o princípio invisível do existir.

(1974)

MEDITAÇÃO

Meu pensamento
transborda como um vaso cheio.
É impetuoso como uma cascata,
cuja força amansa o homem.
Procura a plenitude do infinito
e não se envaidece como o pavão.
Ele é frágil como a água...

(1974)

O CICLO DA ROSA

À carícia da brisa matutina
a roseira dobrou-se docemente,
aguardando o jardineiro
para desprender a flor.

Uma rosa cor de rosa,
quase ainda um botão de rosa:
 Ao ser desejada, entregou-se
 Ao ser tocada, despetalou-se

E no alvorecer do novo dia
nova rosa, no vaso colocada,
deu seqüência à cena passada.

(1974)

PALAVRAS CRUZADAS

"E eis que ressurgue agora
o novo homem das cruzadas,
isto é, das palavras cruzadas..."

Mario Quintana

N P A S
NESTE POEMA AMO o SOL
S E O L
T M
E A

a L S L
LUA e a SUA LUZ
A A Z

(1974)

POETA DE PROVÍNCIA

O poema nasceu na província.
– É agora, poeta, que te resta?
– O desafio de uma escolha somente:

Sepulta envergonhado, teus versos
ou lança, no mundo, a semente.

(1974)

PREVISÃO

Os versos provincianos do poeta
um dia conhecerão o mundo:
– Lançarei todos ele ao mar.

(1974)

UMA TARDE NO PARQUE

Domingo
colhi flores
e libertei poemas
ao correr ente balanços
gangorras e crianças.

(1974)

COMPOSIÇÃO ALCOÓLICA

Um
Zum
Zum-zumbido
sabido abiu meu peito
entornado de cachaça
e tudo virou fumaça...

(1974)

ÁGUA CORRENTE

Num poço profundo
aprisionei água corrente,
maculando sua pureza.

– Ela fugiu em nuvem branca
e, como chuva, pura retornou...

(1974)

CANHÕES DE AMARALINA

a Ruy Espinheira Filho

De Ruy, Marinha
me apetece.
Gostaria que fosse minha
tão bela poesia, que entenece.
Lendo seus versos,
transparecem as ondinas,
a areia fina
e os canhões de Amaralina.

(1974)

VERSO DILUÍDO

Numa rua deserta achei u m verso
Para não perdê-lo, na palma da mão
o escrevi.

Uma chuva sem importância
lavou minha mão e diluiu meu verso,
que correu no asfalto e sumiu.

(1974)

INCOERÊNCIA

Plantei uma roseira
e os botões de rosa brotaram.
Para que uma roseira plantei
se a vida de espinhos está cheia?

(1974)

PUREZA ANÔNIMA

a Julieta Isensée

Dos píncaros
brotam as fontes
d'água fresca.
Beberei desta transparência
na esperança
de restituir à minh'alma
a pureza anônima
da primeira batida de meu coração...

(1974)

CORRELAÇÃO

Nasci
no adiamento
contraditório
do calendário
sem qualquer repertório:

Sou teatro
espetáculo
e platéia.

Represento muitos atos
com fatos correlatos
que guardo, retardo e reparto.

(1974)

O SORRISO DE PAULA

a minha filha

Um sorriso
comprido
sem artifício
nem vício.
Um sorriso
puro,
de encanto,
de criança.
É o sorriso
que tenho na lembrança
nos momentos distantes,
na hora do abraço,
do encontro do cansaço.

(1974)

PEDIDO

Ao jardineiro pedem a rosa
Ao juiz pedem a justiça
Ao poeta pedem a verdade

Por que se pede uma rosa
quando se sabe que fora do pé
pouco ela viverá?

Por que se pede justiça
quando se sabe que o devedor
ainda em vida pagará?

Por que se pede a verdade
quando todos sabem pedir
e pouco sabem dar?

(1975)

NAVEGANDO

Fiz um barquinho com o papel
onde escrevi meus sentimentos.

Quando a chuva chegou
ele navegou
pelas alagadas ruas da cidade
– com a chuva perdi meus sentimentos.

(1976)

HIPOCRISIA

Já não posso esconder
minha revolta contra a hipocrisia.
- Como seria bom se os homens
soubessem nos lábios o sorriso manter.

Já não posso sorrir
e boas vindas conceder...

(1977)

RECEITA

a Ivan Dorea Soares

Para um poema criar:

Ingredientes: Tenha sempre papel e lápis à mão.

Coloque no primeiro a inspiração.

Com o segundo dê forma ao pensamento,
escolhendo as palavras simples,
de simbologia popular e forte conotação.

Modo de fazer: Misture os ingredientes e guarde.

Esperre que a emoção se vá.

Teste a consistência da massa

que deve ser flexível, comunicativa

e transmitir aos corações

mensagens de amor, esperança,

paz, apoio e confiança.

Como servir : O poema deve ser como uma oração.

Não há momento escolhido

e pode ser servido

a qualquer hora do dia,

em porções individuais ou coletivas,

mimeografado ou como obra editada.

É de fácil assimilação,

podendo ser consumido

a qualquer momento

seja qual for a linha de pensamento.

(1977)

O QUE SOU?

Sou o anjo da meia-noite
ou o demônio da madrugada?

O anjo que anuncia o amor
e a liberdade
ou o demônio dilacerador
de corações e agente da maldade?

Sou um homem à procura de libertinagem
ou um poeta em busca de liberdade?

(1977)

O ESPELHO E O VAPOR

No espelho embaciado,
pelo vapor do chuveiro elétrico,
esbocei, com a ponta do dedo
– como quem tenta sentir
o veludo da pétala de uma rosa –,
dois olhos críticos.

Antes que pudesse o desenho completar
o vapor aos primeiros traços apagou.
– Meu desenho nenhuma resistência ofereceu.
Não desejo aos meus poemas
igual existência.
Que digam! Que lutem! Que chorem!
Que sejam, da vida, a essência.

(1977)

POÉTICA

Na vida poética
nenhuma preguiça ou inércia
pode haver: Cada palavra sentida,
devassa o mistério
da verdade contida nos versos.

(1977)

O TEMPO

Tic-tac-tic-tac
tic-tac-tic-tac

Sinto o tempo fugir
e não posso impedir.
Em cada tic um momento.
Em cada tac um arrependimento.
Tic-tac-tic-tac.

Nada fiz de útil e não soube
aproveitá-lo para o que me foi concedido.
Um terço já foi cumprido:

A árvore plantada
O livro editado
E um casal gerado.

(1977)

O DESPETRTAR DO FUTURO

a Rafael, nem filho

Em teus olhos vivos de criança,
em teu rosto sério,
meu filho, projeto minha esperança
de um mundo melhor
no dia de teu primeiro aniversário.
Tenho medo, confesso, do futuro
que se constrói para tua geração.
Gostaria de moldá-lo seguro
e sem sofrimentos,
a fim de que teu amanhã
seja como no meu pensamento:
tranqüilo como o sol poente.

(1978)

LIÇÃO DE VIDA

Já não posso ser gente:
minha vida é programada,
minha agenda é pressionada.
A criatividade
já não é uma habilidade,
O que fazer perante esta passividade?

Já não posso aceitar
o espaço que me é dado
nesta sociedade massificada.
Quero criar poemas
como quem respira
e com a naturalidade de quem ama.
- Quero que todos aprendam a defender
a solidariedade humana.

(1978)

QUANDO A POEIRA ASSENTAR

Quando a poeira assentar
tudo será diferente:
o sol voltará a brilhar
e o amor reprimido trasbordará.
– Ninguém será dono de ninguém –
A solidariedade governará
impunemente
e nada haverá para separar.
– Vamos aglutinar e perdoar
tudo será diferente.

(1979)

SERTÃO

No meu sertão
a vida é traquejada
e as mãos são calejadas.
Aqui estou longe da fumaça
das grandes cidades
e perto da simplicidade
das vaquejadas.
Com o surgir do sol nascente
o canto dolente
do vaqueiro rompe a preguiça costumeira
de todo amanhecer inocente
desta terra, onde ainda se pode sentir
alegria em ver brotar a semente,
sentir a força do vento,
saber o valor da chuva
e morder o talo do capim verde.

(1979)

SEM RESPOSTAS

Onde a culpa se escondeu,
se na imensidão do ter,
na incerteza do ser,
todo o sentir se perdeu?

(1984)

ÓTICA

Com a imaginação do leitor,
meus poemas podem fotografar
- sem filme e diafragma-
a fragrância da flor
ou a sensação da dor.

(1987)

LAZER

Lazer é preencher o ócio
da mente, sem qualquer preocupação,
é a busca eterna da distração.
Lazer é um verdadeiro divórcio
do trabalho e de qualquer ocupação
e a causa da separação
será sempre a procura do recreio,
sem qualquer receio.
Enfim, Lazer é Prazer.

(1987)

RENOVAR É PRECISO

No ano, a cada estação
as plantas ensinam
ao homem a renovação.

(1987)

ROSAS

A flor que é rosa
é a flor de todas as cores
a flor de todas as flores.

A rosa amarela é rosa.
A rosa branca é tão rosa
quanto a rosa vermelha.
A rosa rosa é poesia
e a rosa preta, criada
pela indústria da fantasia,
representa a síntese, a prosa.

(1988)

SINFONIA CAMPESTRE

Hoje ouvi uma sinfonia
que ninguém jamais ouviu:
Admirando o bailado
das borboletas voando
tracei linhas imaginárias no espaço,
como uma verdadeira pauta musical.
Transformei em ritmo e compasso
aquele vôo silencioso e magistral.
E, por encanto, as borboletas
em notas coloridas se transmutaram.
De dó em dó, de flor em flor,
lá no campo, consegui ouvir e sentir
a cor da música que tocavam.

(1988)

ECOLOGIA

A floresta geme
a serra canta
o gemido ecoa.
Eco, eco, ecologia.
É de noite,
é de dia,
a moto-serra, serra
destruindo a vida da terra

(1990)

SENTADO NO MEIO DA FLORESTA

Sentado no chão,
de pálpebras cerradas,
ouvi as batidas do coração
e o farfalhar das folhas
das árvores da floresta.
Senti a carícia do vento,
roçando em minha face.
Concentrei-me, como num passe
de mágica, e participei da excitação
dos pássaros e da movimentação
de outros animais. Que beleza!
Senti e ouvi toda a riqueza
da vida da natureza
naquele momento de meditação.
(1991)

PANCADA GRANDE

Refúgio de andorinhas,
a cachoeira da Pancada Grande,
como um véu sagrado,
protegeu o casal enamorado,
selando um compromisso
mágico, colorido e acalorado.

Sob a força da água corrente
ouvi as três pancadas
da cachoeira, marcando o compasso
das batidas dos corações.

Batidas aceleradas,
cheias de vida e ação,
buscando preencher os espaços,
físico e espiritual,
num verdadeiro ritual,
criando elos de aço
que não podem ser rompidos
nem corrompidos.

- O elo une amizade, sentimentos,
alegrias, sofrimentos
e experiências de vidas passadas.

(1992)

Quarta parte

“No és el yo fundamental
eso que busca el poeta,
sino el tu esencial.”

Antonio Machado

NATAL POR SEGUNDO

Nasceu menino...
Morrei no espinho.
Brilhou estrela,
mostrando o caminho...

Partiram de longe
José e Maria
Nasceu menino
na estrebaria.

Há PAZ em 24 horas?
Não, mas em cada segundo
nasce um menino o mundo.

(1967)

POEMA REPORTAGEM

a Florisvaldo Mattos

Fato
Vida
Preço
– notícia –
Nota?

Cheia
feia ou
colorida
– técnica –

Notícia Técnica:
fome-cheia
vida-morta:
é manchete,
vejam a nota ...

(1968)

BURGUÊS DESAMPARADO

Ao meu lado as palavras são dardos
que ferem e não matam
O meu sangue sobe às faces
e não desce.
Cheio de tristeza, procuro o silêncio
e na penumbra, ferido e despojado,
tento encontrar a TIGELA DE OURO.

Com a espinha torcida no doso
espero a aurora com remorso,
pois gostaria de flutuar no espaço
preso a um CORDÃO DE PRATA,
numa cálida noite de lua.

(1969)

BALÕES DA VERDADE

Escrevi em balões poemas
cheios de verdade
e os soltei nas curvas do espaço
para que fossem vistos.
- A verdade voava pelo mundo...
mas,
tiraram de mim as verdades.
- Minhas mãos perderam as forças.
Meu grito não repercutiu,
e o eco, dele se esqueceu -
(Já não existem balões no espaço)

(1970)

COMUNICAÇÃO

a Quintino de Carvalho

O mundo fatigado cai numa máquina de jornal
onde uma angústia permanente em busca da verdade
a todos cega: apenas a notícia existe.
Sinto, não vejo, violência, injustiças e explosões...

Triturar o sentimento é uma fórmula
– a comunicação mágica está no corpo
destroçado das manchetes!

(1970)

CINZAS

Da espiral da catedral
contemplei a praça
profundamente solitária
de gestos, de ritmo
e de loucos coloridos.
Os últimos acordes
ainda estavam no ar
quando o sino anunciou
o fim de mais um carnaval.

(1973)

KOHOUTEK

Que sua figura
não profane o templo poético
nem o poeta perca a verdade.

Que nos labirintos do Universo
sua luz não sirva de aventura
nem seja dogma de nova Era.

Que sua luz sirva para eliminar
as sombras dos homens

Que a doçura insidiosa
de sua imagem popular,
litúrgica e pouco vista,
devolva aos homens
a dignidade que foi ultrajada
e nos deixe aquele gostinho
de PAZ que o mundo está esquecendo.

(1973)

JATOPRESS

O boato do passado,
o encontro da esquina
e a curiosidade, transformaram
a notícia em necessidade.

Do comunicado amigo
ou de qualquer aviso
uma notícia há de surgir,
rica de fatos e cheia de pressa.

Ela envelhece depressa
– É necessidade consumida,
no jornal e televisão,
no supermercado e na lotação.

(1974)

SINAL DOS TEMPOS

Um hippie
Uma rua
Um hippie rico
Um rico hippie
Hip-Hip-Hurra!

(1974)

VALOR (IN)VERSO

Passa, passa
passarinho.
Se você já não tem
medo de espantalho,
de quem o homem sente medo?

(1975)

TRANSTORNO

No passar do tempo
cavalo-de-pau de criança
virou filme de televisão.

(1975)

SONHO ENCANTADO

Chaplin a todos encantou
e sonhando partiu,
com a mesma simplicidade
do filme sem sonoridade.
(1977)

CENSURA

Amor
Dança
Pensamento:
Amordaçamento.

(1977)

FATO HISTÓRICO

Cantei o florescer de nova anistia
numa noite de trovoada,
quando, sem qualquer proteção
contra aquela água que caia,
fina e fria, do céu escuro,
lavei minh'alma ultrajada.

(1978)

CONSUMO

Vivo na contradição
de um tempo devotado ao consumo,
onde a televisão é o novo deus das massas,
a nova Meca, para onde são dirigidas
as atenções dos telepecadores
como numa penitência religiosa.

Vivo na contradição
de um tempo devotado à manipulação,
onde a propaganda
violenta a dignidade humana,
impondo normas e costumes padronizados.
- Até o amor foi estereotipado
e esta ditadura de símbolos fálicos
permanece impune.

(1979)

PUBLICIDADE

Nas cidades invadidas
pela publicidade multinacional
o brasileiro, na fase da puberdade,
já não sabe nada
da identidade nacional.

(1980)

CRIAÇÃO

Palavra aqui, palavra lá,
o poeta escolheu
esta daqui: Comunicação.
E os versos brancos em letras negras
macularam a pureza das páginas
com a ejaculação
das idéias cheias de esperança
e de contradição.

Tentei falar de paz e amor,
liberdade e felicidade.
Procurei, na contradição, sentir o valor
do não e a força do sim.
Sonhei um dia
com a simplicidade do poema.
Não o poema "ideal",
criado para grupos culturais, editores,
ou para deleite da crítica intelectual.
Tentei a comunicação
direta com os valores da população.
- Surpreendem-me as interpretações
de meus versos...

(1980)

TEVÊ

Eu te vi
Tu televiste
Ele televiu.
- É a televisão
teleadvinhando
o futuro que muitos estão sonhando.

(1981)

QUARESMA

No passado,
foi grave
o ato
e o fato
da morte de Jesus.

Cristo foi julgado,
torturado
e carregou sua cruz.

No presente,
a cruz nossa de cada dia
é a tabuleta de greve
que o operário,
o Cristo-diário,
carrega torturado
em busca de melhor salário.

(1987)

MINHA ARTE

O poema
è a arte nata,
Artesanato.

O poema
è arte, de fato.
Artefato.

A poesia
è meu estandarte.
Minha arma, minha arte.
Passo a passo, a faço,
procurando ocupar espaços,
registrando o dia-a-dia,
sem dogmatismo ou maneirismo,
sem máscara ou palhaços.
Meus versos
são lançados,
visando a todos atingir,
como se fossem estilhaços
cheios de verdade e emoção.

(1988)

MASSACRE DE PEQUIM

Foi na Praça da Paz
onde se fez a Guerra.

Foi na Praça Celestial
onde soldados da Manchuria
acabaram com o sonho jovial.

Foi na avenida da Paz Eterna
onde em nome da Liberdade
um jovem chinês enfrentou
a coluna de tanques
da arbitrariedade.

Foi na Praça da Paz Celestial
onde rajadas de balas fascistas
promoveram a matança
de jovens desarmados
e a destruição
do sonho e da esperança
da Rebelião Pacífica.

Foi na Praça da Paz
onde o sonho da liberdade foi incinerado.

(1989)

CORDÃO DE AÇO

Carnaval da Bahia
é massa, é de massa.
É poesia espacial.

Todos querem espaço,
espaço essencial
para brincar integrados,
sentindo o ritmo da alegria,
vendo as cores e a poesia
do carnaval da Bahia.

Este ano vou desfilar na avenida,
vou vestir a camiseta colorida
do bloco de meu coração
Vou brincar sob a proteção
de um cordão de aço.
Lá, eu sei, tenho espaço
para beijar e abraçar minha paixão.

Se meu bloco não sair,
vou pular na rua.
Quero ver a multidão unida,
na Praça, no Farol ou na Avenida
– pouco importa –
Vou criar meu próprio espaço
e convidar você, para curtir o maior amasso.

(1993)

COMENTÁRIOS CRÍTICOS

Sobre *Estandarte*

“Não sou crítico literário, e se, por vezes, me animo a dar palpites sobre um romance por ser oficial desse ofício, não me animo a comentar poesia. Poesia, leio e gosto ou não gosto, é tudo. No caso a poesia de Sérgio Mattos, leio e releio com um prazer sempre renovado e sempre maior. Gostaria, no entanto, de fazer referência especial ao poema ‘Ideologia’, datado de 1991. Você escreveu, com beleza e exatidão o que penso desde há muitos anos.” – **Jorge amado, Salvador, BA, 10.10.95**

“Li num silêncio, mas os poemas fizeram barulho dentro de mim. Há uma riqueza de momentos, momentos tão próximos de nós que dão a impressão de termos vivido todos os poemas.” – **Marlene Vaz, A Tarde, Salvador, BA., 15.12.95.**

“Sintético, inquieto, contrito, atento e moderno, *Estandarte* põe a poesia à mostra, despida de apelos panfletários e recursos formais, quase em estado de graça, sem elucubrações e recorrências vanguardistas, enfim poeta sem exigências críticas, despido do rigor da literatice, romântico e desprezioso, descomprometido com regras e exigências acadêmicas.” – **Gustavo Falcón, A Tarde, Salvador, Ba, 23.9.95**

“Vale a pena ler o seu livro *Estandarte* porque na verdade é com o que parece. Parece algo a bailar sobre a cabeça dos leitores, não como bandeira cívica ou de bloco carnavalesco, porém como uma faixa prática, uma faixa literária contendo versos geralmente breves, datados d épocas diferentes, de períodos os mais diversos, de tempos os mais distintos.” – **Junot Silveira, A Tarde, Salvador, BA, 17.9.95**

“Sérgio Mattos, ao escrever poesia, tem na veia a exata dosagem do lirismo, quase seco, mas que fala diretamente ao coração. Na busca da solidariedade neste nosso mundo cheio de conflitos, Sérgio pergunta: *O que será do homem numa comunidade depressiva e sem solidariedade?* A opção de Sérgio, sem nenhuma pieguice, foi *empunhar uma bandeira, fazer seguidores e, como na Montanha, multiplicar o amor*. A Câmara Municipal de Salvador considera um privilégio homenagear, neste momento, essa grande expressão literária que soube encontrar a perfeita simbiose entre poesia e prosa.” – **Germano**

Tabacof, A Tarde, Salvador, BA., 13.10.95.

“Sérgio Mattos confessa que seu amor não ‘é medido’. É sentido intensamente, livremente. Os seus poemas são sínteses emotivas dos seus recônditos sentimentos. São dotados de conteúdo lírico e romântico – características estas que recriam a realidade. Seus versos são modernos, livres como soem ser as asas do amor no seu voejar constante. Versos que sugerem ideias, visões, imagens, num ritmo livre e num tom melódico e envolvente”. – **Nonato Marques, A Tarde, Salvador, Ba., 17.10.95**

“Eu sempre digo que os políticos – certos ou errados – têm o condão de tomar decisões, mas só os santos sabem tudo, e, neste mundo, apenas os poetas têm razão. (...) Talvez, sem o autor de *Estandarte* notar, o poema da página 142, ‘Correlação’, saía do livro e ia virar moldura na parede do coração dos presentes ou completar a exposição dos outros artistas, um quadro à parte: ‘Nasci no adiamento contraditório do calendário sem qualquer repertório: sou teatro, espetáculo e platéia. Represento muitos atos com fatos correlatos que guardo, retardo e reparte’.” – **Benjamin Batista, A Tarde, Salvador, BA., 31.10.95**

Sobre *Nas Teias do Mundo*

“Uma característica de *Nas Teias do Mundo* é a secura verbal, uma contensão que não castra a emoção nem sacrifica sua poesia: ‘rasguei flores, flores da vida/flores a morte’ – um lirismo seco, denso, longe de qualquer pieguismo, sobretudo na procura do menino que o poeta foi.” – **Guido Guerra, orelha de *Nas Teias do Mundo*, 1973.**

“...o poeta amadurecido na simbologia transparente quase sem hermetismo de uma suavidade lírica, impregnada de amor e comunicação humana.” – **Adalberon Cavalcanti Lins, *Gazeta de Alagoas*, Maceió, AL. 1976**

“...cuidado labor artesanal num caminho já descoberto e que se faz perseguido com amor e dedicação lhe dará um lugar seguro no ambiente literário da Bahia.” – **Ildásio Tavares, *Jornal da Cidade*, Salvador, BA. 4.4.76**

Sobre *O Vigia do Tempo*

“E depois do poder de síntese a maturidade verbal, revelando um poeta senhor absoluto do seu instrumento.” – **Walter Siqueira, *A Cidade*, Campos, RJ., 14.2.78**

“Simples, espontâneo, seguro na afirmação, com imagens surpreendentes pelo conteúdo estético, já pode ser havido a esta altura, pela crítica mais sisuda, como um poeta real, verdadeiro, e, não, um fabricante frascário de palavras alinhavadas ao jeito de poemas.” – **Antonio Loureiro de Souza, *A Tarde*, Salvador, BA., 26.22.77**

.....

“Versos já publicados situam-no entre aqueles poetas de voz clara, aparentemente sem mistério, de poemas breves, nos quais ideias, sentimentos e sensações são despojados ao máximo.” – **James Amado, in *Batalha de Natal*, prefácio, 1978**

Sobre Já Não Canto, Choro

“...a saudade, intermitentemente, flui dos versos de Sergio Mattos numa sintonia em que o ritmo moderno não logra interferir.” – **Clovis Lima, *A Tarde*, Salvador, BA., 3.9.80**

Sobre Lançados ao Mar

“...possuidor de um profundo dom de sintetizar o pensamento sem, contudo, quebrar a beleza e a grandiosidade do seu ser de poeta e, em consequência, da própria poesia.” – **Ivan Dorea Soares, *A Tarde*, BA, 17.3.86**

“Poesia que o público gosta e não precisa de interpretação crítica para ser absorvida.” – **Adinoel Motta Maia, *Jornal da Bahia*, Salvador, BA., 28.12.85**

Sobre Asas Para Amar

“...capaz de enxergar o invisível e escutar o silêncio, inconformado com a sequência monótona das horas iguais.” – **Waldir Freitas Oliveira, *A Tarde*, Ba, 22.4.95**

“...poemas líricos, ora falando do amor, numa perspectiva espiritual, simbólica, ora falando do desejo e dos insondáveis caminhos de Eros, nas suas reinações pelo espaço do corpo e da alma”. – **Cid Seixas, *A Tarde*, Salvador, BA, 2.4.95**

“(…) a Poesia de Sérgio Mattos tem uma valorização de unidade. Pode ser considerada como expressiva. Ou também elucidativa quando revela os seus sentimentos. O trabalho deste poeta de uma novíssima geração experiente pode ser também visto pelo lado proxêmico, quando tem o seu próprio espaço. Quando busca a relação entre o homem e o universo.” – **Jolivaldo Freitas, *Bahia Hoje*, Salvador, BA, 20.6.95**